

Produção de contraste no Português Europeu

Edite Prada

Escola Secundária do Monte de Caparica
(em regime de requisição na Inspeção-Geral da Educação)

Existe contraste entre duas frases sempre que o sentido explícito ou implícito de uma seja, de alguma forma, contrariado pela relação que se estabelece com a outra, como pode verificar-se em (1):

(1) Está a chover, mas o João vai sair.

Com efeito, a informação transmitida por “Está a chover” poderia levar-nos a concluir que a chuva seria impedimento para a saída do João, o que não acontece. Poderá tratar-se de um obstáculo, mas não tão forte que obste à realização da acção enunciada pela frase introduzida por *mas*. Para além da coordenação adversativa representada em (1), dispõe a língua portuguesa de outra estrutura sintáctica para produzir o contraste: a subordinada concessiva, exemplificada em (2).

(2) O João vai sair, embora chova.

A semelhança de sentido existente entre as duas estruturas tem sido apontada por vários estudiosos da língua portuguesa, uns referindo-a explicitamente, outros fazendo a descrição de cada uma delas de forma próxima, sem, no entanto, explicitarem a relação semântica que se estabelece entre as duas construções. Lopes diz que “... um período com uma oração adversativa se transforma facilmente noutro equivalente com oração concessiva.” (1971:237). Por seu lado, Mateus *et ali* (1983) inserem as duas estruturas na contrajunção, ou junção contrastiva, e Peres refere que a concessiva “... só se distingue da coordenação adversativa pela possibilidade de movimento.” (1997:780/781). Martelotta (1998) faz um estudo comparativo da adversativa e da concessiva, com base no português do Brasil, assumindo que ambas as estruturas transmitem o contraste e concluindo, entre outras coisas, que os falantes preferem construções com a coordenação adversativa. A par destes autores que explicitam as semelhanças semânticas entre as duas construções, outros há que as descrevem isoladamente, mas de tal forma que se torna fácil relacioná-las. Assim, Said Ali diz que “Para exprimir claramente a contradição ou a restrição a um fato ou à sua consequência, socorremo-nos da oração adversativa...” (1969:133) e, um pouco mais à frente, caracteriza a concessiva dizendo que “... exprime um fato que, podendo determinar ou contrariar a realização de outro fato, deixa entre

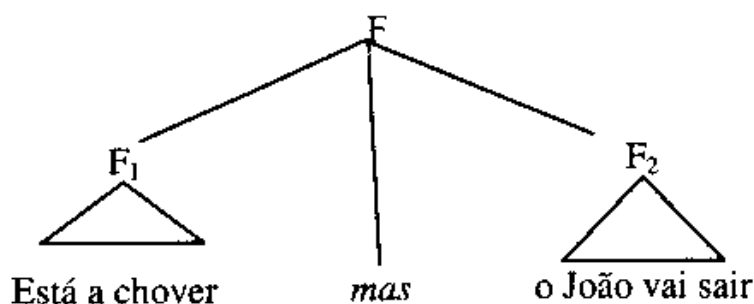
tanto de produzir o esperado ou possível efeito” (*ib.*:138). Relativamente à concessiva, refere ainda que na linguagem antiga, quando o facto contrariado era real se recorria ao modo indicativo e se era suposto ou irreal se utilizava o conjuntivo. Pinto de Lima diz que o “... moderno significado de embora, que envolve a implicatura (...) de que as condições expressas em F_2 , normalmente consideradas adversas à obtenção de F_1 , não são, apesar disso, impeditivas dessa obtenção” (1996:651) e em estudo sobre o *mas*, indica como valores desta conjunção “implicitar *que as proposições estão na relação de meio favorável/obstáculo em relação a um dado fim*” (1997:424) ou ainda que “... a proposição que *mas* introduz, “ P_2 ”, designa um estado de coisas *inesperado* face ao estado de coisas expresso por “ P_1 ” (*ib.*:425). Da descrição que estes dois autores fazem – das estruturas em geral, Said Ali, ou de conectores representativos de cada uma delas, Lima –, pode depreender-se que, semanticamente, são próximas. Conclusão semelhante advém ainda da descrição feita por Bechara (1999).

Através da análise de alguns textos sobre outras línguas pudemos verificar que esta semelhança não é característica apenas do português. Sandfeld diz que “...dans le cas où de deux faits l’un devrait exclure l’autre, il est difficile de faire le départ net entre propositions adversatives et propositions concessives” (1965:301) e Quirk *et alii* referem que “...clauses of contrast are similar to clauses coordinated by but. This is particularly so when the contrastive clause is final” (1985:1102). Garcia considera, por seu lado, que “Las construcciones concessivas y adversativas hacen referencia a dominios nocionales muy próximos...” (1999:3809). Refere ainda que se trata de duas estruturas com características muito próprias – o que é também apontado por Peres (1997) – situando-se num lugar de charneira entre a estrutura frásica e a discursiva, pelo que, para serem estudadas, se torna necessário recorrer não só a aspectos formais, mas também contextuais. Embora estas duas construções possam aproximar-se em vários aspectos, do ponto de vista estrutural elas possuem características gerais que permitem inseri-las no grande grupo a que pertencem: coordenação, no caso da adversativa e subordinação relativamente à concessiva. Destas características apontam-se as duas que são mais referidas: o nexos e a mobilidade.

Nexo

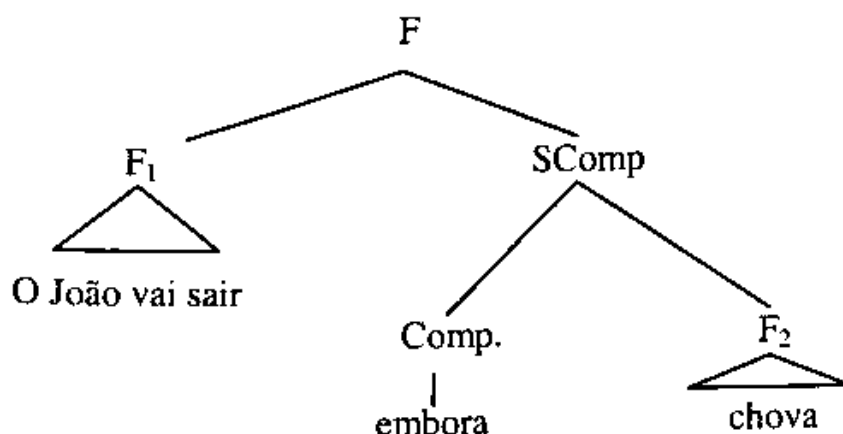
O nexos que se estabelece entre uma coordenada adversativa e a sua coordenante ocorre ao mesmo nível. A conjunção não estabelece uma relação de dependência entre as frases que se relacionam, o que, muito sucintamente, pode ser representado pelo esquema subsequente, onde se representa a frase (1), repetida como (3):

(3) Está a chover, mas o João vai sair.



Contrariamente ao que acontece com a adversativa, a oração concessiva, subordinada adverbial, como as outras subordinadas “degradada ao nível da palavra” Bechara (1999:320), surge encaixada na subordinante, como se exemplifica a seguir, com a frase (2), repetida com o número (4):

(4) O João vai sair, embora chova.



A situação de maior dependência da concessiva tem também implicações no modo verbal, que é condicionado pelo complementador que introduz a subordinada, como veremos adiante.

Mobilidade

Enquanto a adversativa surge sempre posposta, a concessiva pode ocorrer posposta ou anteposta. A opção por uma destas soluções prende-se com factores de ordem pragmática ou estilística. De uma forma genérica, e segundo Garcia (1999), a concessiva vem anteposta se o falante optar por uma abordagem polemizante de afirmações anteriores de um interlocutor, não introduzindo matéria nova no discurso. Se, por outro lado, o falante antevir uma oposição por parte do seu interlocutor, real ou virtual, vai utilizar uma construção com a concessiva posposta, que, neste caso, introduz matéria nova. Esta associação entre a veiculação ou não de matéria

nova e a opção pela posição ocupada pela concessiva é igualmente referida por Martelotta (1998).

Perante a possibilidade de usar uma de duas estruturas diferentes, os falantes não fazem uma opção equitativa. Preferem, claramente – referem-no Lapa (1984) e Martelotta (1998) –, a estrutura adversativa. Quando, porém, optam pela concessiva, a sua escolha recai sobre construções que não impliquem o uso do conjuntivo. Poderemos, pois, falar de três níveis de preferência na produção do contraste: primeiro, a coordenada adversativa; segundo, a subordinada concessiva sem uso do conjuntivo e terceiro, a utilização da concessiva com o modo conjuntivo.

Concessiva

Porque já anteriormente foi feita uma abordagem das adversativas (Prada, 2001), tentar-se-á, seguidamente, analisar vários aspectos que caracterizam a produção das concessivas. Utilizaremos para o efeito dois *corpora*, constituídos: um, a que poderemos chamar *corpus A*, com 28 exemplos, a partir de um conjunto de textos produzidos por 56 jovens estudantes com idades compreendidas entre os catorze e os vinte anos; outro, que designaremos por *corpus J*, com 193 exemplos, a partir de um conjunto aleatório de jornais e revistas. Os exemplos do *corpus A* são seguidos de um código que permite recuperar um conjunto de informações: a idade média do autor no momento em que foi produzida a composição de que se extraiu o exemplo: primeiros dois números; o sub-universo de referência em que o se insere: primeira letra do conjunto; o número convencional que permite a sua identificação no sub-universo a que pertence: dois números do meio; uma letra que identifica o texto de que foi extraído o exemplo; dois números que informam sobre o número de ordem de ocorrência do exemplo na composição de que foi extraído e, finalmente, uma letra, N, que, a existir, indica que o jovem autor do exemplo não tem o português como língua materna. Exemplificando, o código 17C06A02N informa que o autor do exemplo tinha dezassete anos, se inseria no sub-universo C, com o número convencional seis, sendo o exemplo retirado do texto A e a frase a segunda a ocorrer nesse texto; além disso, trata-se de um jovem para quem o português não é língua materna.

Na mesma altura em que foram recolhidos estes *corpora* foram igualmente retirados dos mesmos universos de referência outros dois constituídos por construções adversativas. Do universo de referência formado pelos textos dos jovens, 242 ao todo, foi retirada a totalidade de adversativas e de concessivas, num total de 259 e 28, respectivamente. O universo de referência constituído pelos textos da comunicação social, não pode constituir, neste caso, paradigma, pois dele foram retiradas as adversativas mais representativas para o estudo a realizar e todas as concessivas. Note-se, no entanto, que se obteve um conjunto de 468 adversativas e a globalidade das concessivas constitui um *corpus* de 193 exemplos. É, pois, visível a preferência dos falantes pela adversativa nos dois universos de referência. É ainda perceptível que, dentro da concessiva, o uso do conjuntivo não é o mais procurado, sendo a

percentagem da sua utilização praticamente igual nos dois *corpora*. Dos 28 exemplos que constituem o *corpus A*, oito, equivalendo a 28,6%, utilizam o conjuntivo, enquanto no *corpus J*, 28,5%, ou seja, 55 dos 193 exemplos são construídos com este mesmo modo verbal. A amostra recolhida válida, assim, relativamente à produção do contraste através da concessiva, os níveis de preferência apontados acima.

Complementadores

Num percurso pelas gramáticas, e relacionando o modo verbal com o complementador, identificámos as seguintes hipóteses de construção da concessiva:

Conjuntivo: embora, conquanto, porquanto, ainda que, mesmo que, nem que, posto que, se bem que, apesar de que, por ... que, mesmo se;

Infinitivo: apesar de, não obstante, sem embargo se;

Gerúndio ou participípio passado: embora, conquanto, ainda que, se bem que.

Como pode verificar-se, é bastante grande o leque de escolhas que, dentro da estrutura concessiva, os complementadores permitem. Porém, alguns deles não surgem nos *corpora* recolhidos, outros, como *apesar de* têm um uso que a consulta das gramáticas não deixa antever, pois apenas é referido por Said Ali (1969) e por Mateus *et ali* (1983). Nos dois *corpora* constituídos, com um total de 221 exemplos, os complementadores utilizados foram os seguintes:

Complementador	Corpus J	Corpus A	Total
Apesar de	72	14	86
Embora	66	5	71
Mesmo...	34	6	40
Não obstante	11	0	11
Ainda que	6	0	6
Só gerúndio	2	0	2
Nem	2	0	2
Se bem que	0	1	1
Por ... que	0	2	2
Total	193	28	221

Quadro 1 – Tipo de complementador utilizado nos *corpora*.

Note-se que os jovens revelam um domínio menor do uso dos complementadores¹, embora usem *se bem que* (5) – ainda que com o verbo no indicativo! – e empreguem a concessiva intensiva construída com a preposição *por* seguida dos

¹ Em Prada (2001) vimos que revelam igualmente um menor domínio dos advérbios com valor adversativo: porém, todavia, contudo.

advérbios **mais** ou **menos** (facultativos) e de um *adjectivo* ou *advérbio*, como se pode ver em (6) (e apesar do uso do conjuntivo...).

- (5) (?) Se algum dia puder viajar para outros planetas, vou, se bem que eu acho impossível acontecer na minha geração... 19C06D01
- (6) A ... também é bom recebermos [subsídio], por pouco que seja já dá para os nossos gastos. 17C01G01

A não utilização das concessivas intensivas no *corpus J* poderá dever-se ao seu cariz enfático que não se coaduna com a sobriedade subjacente ao discurso jornalístico. Salienta-se ainda que em cada um dos *corpora* surge um exemplo em que o complementador *embora* vem antecedido do advérbio *muito*, como se vê em (7). No entanto, trata-se, como refere Lima (1997), de uma expressão cristalizada que corresponde a uma variante do complementador.

- (7) Trata-se, portanto, de uma acção (judicial) que será sempre tomada *a posteriori*, *muito embora* a CNE aconselhe os partidos a contactar previamente os municípios. *Expresso*, 7/8/1999, p. 3

Regista-se ainda, no *corpus J*, o uso do gerúndio com valor concessivo:

- (8) ...esta questão, sendo importante, não deixa de ser secundária.
Voz do Nordeste, 13/4 1999

Criatividade

A globalidade dos complementadores usados nos *corpora* e indicados no quadro 1, *supra*, não vem, necessariamente, seguida do modo verbal que as gramáticas associam a esse complementador, registando-se, a este nível, uma grande criatividade por parte dos falantes.

Construção	<i>Corpus J</i>	%	<i>Corpus A</i>	%
Conjuntivo	55	28,5	8	28,6
Indicativo	6	3	2	7,1
Infinitivo	41	21,3	15	53,6
Gerúndio	12	6	1	3,5
P. passado	4	2	0	0
Complementos	60	31,1	1	3,5
C. Anafóricas	15	7,7	1	3,5
Total	193		28	

Quadro 2 – Construções utilizadas.

O quadro 2 permite verificar a existência de diferenças entre o modo verbal usado pelos jovens e pelos jornalistas. O modo mais frequente no *corpus A* é o infinitivo, 53,6%, que ocupa o terceiro lugar na preferência dos jornalistas. Em segundo lugar para ambos os grupos, e sem diferença significativa, surge o conjuntivo. O primeiro lugar do *corpus J* é ocupado por um tipo de construção a que chamámos, genericamente, *complementos* por não ter verbo expresso e onde se inseriram muitos exemplos que são certamente enquadráveis num grupo de construções elípticas. Os complementos são um tipo de construção que não merece a preferência dos jovens, talvez porque exija uma maior abstracção e, conseqüentemente, um maior domínio linguístico. O que é surpreendente é a plasticidade dos complementadores, pois os cinco mais significativos nos *corpora* (apesar de, embora, mesmo..., não obstante e ainda que) surgem em vários tipos de construção. Nos quadros 3 e 4 indica-se o tipo de construção utilizada nos exemplos de cada um dos *corpora*:

Estrutura	Apesar de	Embora	Mesmo	Não obstante	Ainda que	Nem	Sem compl	Total
Conjunt.	0	42	10	1	2	0	0	55
Indicativo	0	1	5	0	0	0	0	6
T. parcial		43	15	1	2			61
Infinitiva	31	3	0	7	0	0	0	41
Gerundiva	0	3	6	0	1	0	2	12
Participial	2	1	0	0	1	0	0	4
T. parcial	33	7	6	7	2		0	56
Complamen.	33	16	5	2	2	2	0	60
Anafóricas	6	0	1	1	0	0	0	15
Total	72	66	34	11	6	2	2	193

Quadro 3 – Tipos de construção do *corpus J*.

Note-se que, no *corpus J*, os três grandes tipos identificados – oração finita, oração reduzida e complementos – obtêm um conjunto muito próximo de exemplos – 61, 56 e 60, respectivamente. Acresce um quarto tipo de construção, a construção anafórica, em que o complementador é seguido de um pronome ou advérbio anafórico – *isso*, em *apesar disso*, *assim*, em *mesmo assim*, que repete, no interior da frase complexa, o conteúdo de uma oração que apresenta um grau elevado de independência. Nas gramáticas consultadas, *apesar disso* e *mesmo assim* são consideradas locuções conjuncionais susceptíveis de introduzir uma oração subordinada concessiva. Parece-nos, no entanto, que não se trata de uma simples locução, pois a existência do pronome e/ou do advérbio anafórico faz na estrutura mais do que introduzir uma subordinada. Traz para o seu seio a própria subordinante, num tipo de estrutura, talvez enfática, que assim realça a ideia expressa por uma frase apenas

ligada à estrutura pela anáfora, reforçando, deste modo, a globalidade da construção. Examinemos de novo (2), que repetimos como (9), mas agora com o complementador *apesar de*:

- (9) O João vai sair, apesar de chover.
 (9.1) Chove; apesar disso, o João vai sair.

Repare-se que para poder usar *apesar disso*, a frase sofreu algumas alterações, como pode verificar-se em (9.1). A subordinada de (9) passa a independente em (9.1) e a relação de subordinação acontece entre a anáfora dessa frase, *isso* e a subordinante “o João vai sair”. Parece tratar-se de uma outra forma de construir a concessão, que ilustra o papel de chameira desta estrutura, como pode ver-se através do único caso dos *corpora* em que o complementador *não obstante* assume um valor anafórico:

- (10) “... todas as obras foram aprovadas pelo tribunal duas vezes, antes e depois de serem feitas.”
Não obstante, informa-se que nos últimos cinco anos o tribunal de contas recusou o visto, por ilegalidades várias, a 20 contratos da JAE... *Visão*, 22/7/1999, p. 6

O complementador, neste caso, não estabelece apenas uma relação entre duas frases, mas, com valor próximo de *apesar disso*, traz para o interior da concessiva as afirmações anteriores.

No quadro seguinte regista-se o uso que os jovens fazem dos complementadores.

Estrutura	Apesar de	Mesmo	Embora	Se bem que	Por ... que	Total
Conjunt.	0	4	2	0	2	8
Indicativo	0	1	0	1	0	2
T. parcial		5	2	1	2	10
Infinitiva	12	0	3	0	0	15
Gerundiva	0	1	0	0	0	1
Participial	0	0	0	0	0	0
T. parcial		1				16
Complement.	1	0	0	0	0	1
Anafóricas	1	0	0	0	0	1
Total	14	6	5	1	2	28

Quadro 4 – Tipos de construção do *corpus A*.

Comparando os quadros 3 e 4 pode concluir-se que os vários tipos de construção não têm representação igual nos dois *corpora*. Com efeito, no *corpus A*, regis-

tam-se mais orações pequenas, seguidas das orações finitas – respectivamente 16 e 10 –, ao mesmo tempo que os complementos têm uma representatividade reduzida, igual à das estruturas anafóricas. Poderemos considerar, como já referimos, que se trata de estruturas que exigem uma maior abstracção e um maior domínio da língua, que os jovens, ainda em fase de consolidação de estruturas e em busca de um estilo próprio, têm dificuldade em atingir. Isso explicaria ainda a predominância do infinitivo e algumas construções menos bem conseguidas que analisaremos adiante. Repare-se que, nas orações finitas, os jovens preferem *mesmo* e os jornalistas *embora*.

A estrutura concessiva é, parece-nos, muito condicionada pela criatividade dos falantes que explora a plasticidade dos complementadores. Faremos de seguida a análise de alguns exemplos ilustrativos de situações de grande criatividade.

Infinitivo

O uso do infinitivo surge com as locuções previstas e ocorre ainda, em seis casos – três em cada *corpus* – associado a *embora*, que é aliás o complementador que origina maior criatividade ao aceitar, imediatamente a seguir, várias preposições – *de*, *em*, *sem*, *com* – que vão condicionar o modo verbal como pode verificar-se em (11).

- (11) ... (Augusto Mateus) mostra-se disponível para integrar um novo governo socialista. *Embora sem* deixar de ser independente. *Visão*, 22/7/1999, p.59

Os exemplos do *corpus* J, todos com uma construção semelhante à de (11), são aceitáveis, o que não acontece com os do *corpus* A, em que *embora* surge seguido de preposição, como no *corpus* J, mas fazendo uma associação menos adequada. Em (12), como em (13), o complementador vem seguido de preposição, mas o jovem que produziu (12) introduziu um infinitivo, como quando aquele *de* integra a locução *apesar de*, ao passo que o jornalista utilizou um sintagma nominal.

- (12) *Gosto muito dos amigos *embora de conhecer* poucos. 15B02A02

- (13) Jaime Gama (...) *embora de forma indirecta*, coincidiu com Marker quanto ao reduzido papel que deve ser atribuído às forças armadas indonésias no processo de consulta. *Diário de Notícias*, 3/9/1999

Os desvios efectuados pelos jornalistas ao incluírem uma preposição na sequência do complementador *embora* advêm, parece-nos, do domínio das potencialidades da língua, ao passo que, no caso dos jovens esses desvios podem ser fruto de uma aquisição não concluída do uso dos complementadores, o que pode ser ilustrado por (14), em que *embora* surge isolado a anteceder um infinitivo, ou em (15) com o complementador seguido de *que*. Neste último caso, estamos perante um tipo de construção apontada por Bechara (1999), que denomina aquele *que* como excessivo.

- (14) **Embora estar* cá só há dois dias gosto muito desta escola. 15B02A01
- (15) **O tempo está óptimo embora que* as noites estejam frescas. 8º D, Fev. 2000.

Indicativo

Contrariamente ao que acontecia no início do século XX, e Dias (1933) indica, o uso do indicativo na construção concessiva não está previsto na norma do português europeu actual. Registam-se, no entanto, alguns casos cujo grau de aceitabilidade varia sobretudo tendo em conta o complementador utilizado. Assim, em (16), (17) e (18) parece estarmos perante estruturas que pretendem transmitir uma ideia de facto real, que é realçada pelo valor condicional também veiculado nas três construções.

- (16) *Mesmo se Ancara está longe de reunir as condições* (...) para iniciar as negociações de adesão, o novo passo traduz a vontade dos Quinze de trazer a Turquia para a esfera europeia... *Público*, 10/12/1999, p. 5
- (17) (?) Eles (samurais) serviam um único senhor, protegiam-no, *mesmo se a vida deles estava em perigo*. 17C08F01
- (18) (?) Se algum dia puder viajar para outros planetas, vou, *se bem que eu acho impossível* acontecer na minha geração... 19C06D01

O exemplo (19) é, nos *corpora*, o único em que o indicativo vem associado ao complementador embora e consideramo-lo menos aceitável do que os anteriores.

- (19) **Embora consideram* em privado esta situação “inaceitável”, os quinze assumem que têm de ser realistas... *Público*, 10/12/1999, p. 4

Complementos

Alguns casos inseridos nos complementos correspondem a construções elípticas, com acontece em (20) – onde a preposição justifica o uso do infinito em (20.1) – ou em (21) com o verbo, como pode ver-se em (21.1), no conjuntivo.

- (20) Embora *sem qualquer nome surpreendente*, a bancada do PP vai estar irreconhecível na próxima legislatura. *Visão*, 22/7/1999, p. 30
- (20.1) Embora *sem ter qualquer nome surpreendente*, ...

(21) Daí (motivos profissionais) a necessidade de aprender português que pronuncia quase na perfeição, *embora lentamente*. *Diário de Notícias*, 3/9/1999

(21.1) ... português que pronuncia quase na perfeição, *embora o faça lentamente*.

O mesmo se poderá dizer das construções com participio passado, em que podemos sempre considerar a elipse do auxiliar. Veja-se (22) e compare-se com (22.1)

(22) *Embora não muito divulgada*, esta modalidade (aikido) é já praticada por cerca de milhar e meio de atletas... *Voz do Nordeste*, 13/4 1999

(22.1) *Embora não seja muito divulgada*, ...

A par destes casos, surgem outros que poderão ser analisados como constituindo sintagmas inferiores a frase – complementos circunstanciais na gramática tradicional – como parece ser o caso em (23):

(23) A partir daí, *não obstante o empenho dos opositores*, não mais deixariam de controlar o desafio... *Voz do Nordeste*, //12/1999

Sentido

Um outro aspecto em que se registam alguns exemplos não canónicos está relacionado com o sentido que a globalidade da frase complexa transmite, pois a construção concessiva é por vezes utilizada em frases nas quais dificilmente se identifica o contraste. É o caso de (24), que estabelece uma relação temporal, como explicitado em (24.1); ou de (25) que é causal, como se conclui de (25.1).

(24) Eu mesmo que possa fazer alguma coisa por alguém eu faço tudo para ajudar toda a gente. 16B12EQ1

(24.1) Eu, quando posso, faço tudo para ajudar toda a gente.

(25) Não se ouviam discussões, nem música alta, nem o barulho dos carros apesar de serem quase inexistentes... 17C01D01

(25.1) Não se ouviam discussões, nem música alta, nem o barulho dos carros, porque eram quase inexistentes.

Desvios idênticos não surgem no *corpus* J, mas posteriormente à construção dos *corpora* recolhemos da comunicação social exemplos em que se verificam situações semelhantes. Veja-se (26), em que o valor semântico veiculado é causal/explicativo, como se regista em (26.1).

- (26) Apesar do trabalho realizado, os atletas estão prontos para enfrentar as provas. TV2, Remate, 24/7/2001, 22.30 H.
- (26.1) Graças ao trabalho realizado, os atletas estão prontos para enfrentar as provas.

Conclusões

Pelo exposto ao longo do trabalho, poderemos concluir que, se a estrutura preferida para construir o contraste é a coordenação adversativa, a subordinada concessiva oferece igualmente muitas possibilidades, que não são utilizadas com a mesma frequência. Com efeito, são as estruturas em que é possível não usar o conjuntivo as mais usadas, o que é facilitado pela grande plasticidade dos complementadores, que possibilitam uma grande criatividade.

Por outro lado, verificámos que se trata de uma estrutura de aquisição tardia, o que se pode depreender a partir da comparação entre os dois *corpora*. Os jovens, apesar de estarem numa fase já bastante adiantada da sua escolaridade, revelam dificuldades no uso desta construção, sobretudo relacionadas com a estrutura do complementador e com o uso do modo verbal adequado. Além disso, o sentido transmitido por alguns exemplos parece não coincidir com o que se espera desta estrutura. Este último aspecto, embora não tenha surgido nos exemplos do *corpus J*, extraídos de textos escritos e submetidos, por isso, a um maior controlo, apresenta igualmente desvios na comunicação social oral. Este trabalho apresenta apenas um conjunto de questões a exigir estudo mais aprofundado, pois alguns pontos focados indiciam a possibilidade de se estar perante uma estrutura em reanálise, tanto do ponto de vista sintáctico, como semântico-pragmático. Seria, pois, necessário identificar as características dos complementadores concessivos e analisar o valor semântico destas construções.

Referências

- BECHARA, Evanildo,
1999, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 37ª edição revista aumentada.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva,
1933, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 2ª edição, (1ª edição póstuma: 1918).
- GARCIA, Luis Flamengo,
1999, "Las construcciones concessivas y adversativas", in Ignacio BOSQUE e Violeta DEMONTE, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, (3805-4050).
- LAPA, M. Rodrigues,
1984, "Palavras invariáveis" in *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra Editora Lda, 11ª edição.

- LIMA, José Pinto de,
 1996, "O Papel da semântica e da pragmática no estudo dos conectores" in FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Emília Ribeiro, DUARTE, Inês, GOUVEIA, Carlos A. M. (org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, Coleção Linguística, Série Universitária, (421-427).
 1997, "Caminhos semântico pragmáticos da gramaticalização: o caso de embora" in Ana Maria Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima, Rosa Matria Martelo (org.) *Sentido que a vida faz*, Porto Campo das Letras Editores SA, (643 – 655).
- LOPES, Óscar,
 1971, *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo,
 1998, "Gramaticalização e graus de vinculação sintáctica em cláusulas concessivas e adversativas", in *Veredas*, V. 2, nº 2, Juiz de Fora, Editora UFJF, Julho / Dezembro, (37-56).
- MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e FARIA, Isabel Hub,
 1983, *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina.
- PERES, João Andrade,
 1997, "Sobre conexões proposicionais em Português" in BRITO, Ana Maria, OLIVEIRA, Fátima, LIMA, Isabel Pires de, MARTELO, Rosa Maria, (org.) *Sentido que a Vida Faz*, Porto, Campo das Letras Editores SA, (775-787).
- PRADA, Edite
 2001, *Produção de Adversativas no Português Europeu*, Lisboa, Universidade Aberta, Dissertação de Mestrado
- QUIRK, Randolph, GREENBAUM, Sidney, LEECH, Geoffrey e SVARTVIK, Jan,
 1985, *A Comprehensive Grammar of the English*, Longman, Essex, England.
- SAID ALI, Manuel,
 1969, *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 8ª edição.
- SANDFELD
 1965, *Syntaxe du Français Contemporain: les Propositions Subordonnées*, Genève, Droz.